

marie claire

TESTEMUNHO

"MEU ENCONTRO COM DEUS"

Não há rota certa ou religião que garanta o encontro com Deus.

Não basta seguir a voz que vem de fora, do guru, de uma seita ou doutrina, porque a espiritualidade constitui uma dimensão da psique, faz parte da busca humana de autoconhecimento.

Marie Claire ouviu três histórias de crescimento espiritual. Certamente elas não são nada, nada daquilo do que se esperava encontrar, como cantou Gilberto Gil. Mas abriu possibilidades de uma existência mais plena e feliz para cada um que se aventurou.

período de
n me ajud
e católica
ruz do Me
es e um ho
de morava
anos. T
da inter
cio, a mec
grandes r
po, atuav
mente na
davam

MEU ENCONTRO COM DEUS

Não há mais certa ou religião que garanta o encontro com Deus.

Não basta seguir a voz que vem de fora, do guru, de uma seita ou doutrina, porque a espiritualidade constitui uma dimensão da psique, faz parte da busca humana de autoconhecimento.

Marie Claire ouviu três histórias de crescimento espiritual. Certamente elas não são nada, nada daquilo do que se esperava encontrar, como cantou Gilberto Gil. Mas abriu possibilidades de uma existência mais plena e feliz para cada um que se aventurou.

MARIA CRISTINA MASTOPIETO,
41 ANOS, EMPRESÁRIA EM PES-
QUISA DE MERCADO E OPINIÃO.

Toda a minha formação foi marcada pelo paradigma científico tradicional — racionalista, mecanicista. Graduei-me em Sociologia, tenho mestrado em Psicologia Social nos Estados Unidos e, atualmente, faço doutorado na USP. Mas sempre adotei como norma aplicar na vida aquilo em que eu acreditava. Foi isso que me levou a rever meu ponto de vista: percebi, a partir de minha própria experiência, que havia muito mais coisas entre o céu e a terra do que supõe o velho paradigma.

Minha linha de psicologia foi o behaviorismo cognitivista. A gente usava muito a auto-observação e o relaxamento, combinados com uma série de técnicas de modificação do comportamento. São métodos que utilizam, de maneira acentuada, o poder da mente. Mas sempre a partir de um enfoque mecanicista. Hoje sigo uma orientação espiritualista e percebo que aqueles mesmos procedimentos podem servir a objetivos muito mais profundos.

Minha mudança de ponto de vista ocorreu há uns quatro, cinco anos, a partir de leituras e dos cursos de Robert Happé. Ele tem formação em Filosofia e Psicologia e passou 14 anos na Índia, Tibete e Camboja, estudando Filosofia Oriental. Não é um guru, mas foi quem me deu o primeiro empurrão. Ele vem ao Brasil a cada seis meses e temos muito contato. Quando conheci o Robert,

eu já tinha mandado fazer o meu mapa astral e começado a ler o *I Ching*, que hoje é meu livro de cabeceira. Percebi que o mapa astral trazia informações muito mais específicas do que seria de se esperar de um mero chute. E pensei: se existe uma influência da Lua nas marés, por que não em mim? Foi a partir daí que abri as portas para outras formas de conhecimento.

Atualmente, medito todos os dias durante 10 minutos, antes de levantar da cama. E mais 10 minutos à noite, antes de dormir. Faço isso deitada mesmo. São exercícios diários de relaxamento físico e focalização mental.

Uma vez por semana participo de um grupo de meditação. Somos cinco mulheres: uma escultora, uma diretora de marketing, uma dona de loja de presentes, uma dona de casa e eu. Meditamos juntas durante meia hora. Enquanto procedimento, a meditação pouco difere de técnicas psicológicas que eu utilizava anos atrás. A diferença está no objetivo. Porque, na concepção esotérica, meditar é uma forma de entrar em contato com o Superconsciente.

Eu me considero uma pessoa com a intuição bastante desenvolvida. Tem muitas coisas que eu sei, mas não consigo explicar como. Ao desenvolver um projeto de pesquisa, esse é o meu trabalho, muitas vezes adoto determinada hipótese pelo 'faro'. Depois verifico que a hipótese estava correta. O que é isso? Um acúmulo de experiências passadas mais alguma coisa que não sei explicar. Quando vou trabalhar com uma

pessoa, normalmente não levo mais de meia hora para saber se nossa relação vai dar certo ou não. É algo que transcende a mera simpatia. E depois tem aquelas coisas até bobas do telefone tocar e, antes de atender, você saber quem é. Eu até brinco dizendo que estou economizando impulsos: é só pensar em determinada pessoa e ela me telefona.

Não sou dada ao ocultismo, mas utilizo tudo aquilo que pode contribuir para o desenvolvimento da consciência. Mando fazer meu mapa astral uma vez por ano, religiosamente. Consulto uma taróloga mais ou menos a cada seis meses. Acredito no poder dos cristais. Tenho uma pirâmide em cima da mesa de trabalho. E consulto sempre o *I Ching*.

Para mim, o esoterismo não é uma coisa pesada. Ele é divertido, sem ser inconseqüente. O que de melhor eu aprendi com a espiritualidade foi viver a vida com alegria.

Quando morei nos Estados Unidos, fui feminista de carregar bandeira. Era muito agressiva na defesa das minhas opiniões. Hoje sei que a coisa não é por aí. Embora eu perceba que a luta contra o machismo não acabou, minha postura é ser forte sem perder a suavidade, ser firme sem me tornar agressiva. Isso vale não só em relação à questão feminina; é um ponto de equilíbrio que tenho buscado em todas as minhas ações.

Sempre gostei muito de criança, mas não pude ter filhos. Essa foi uma questão penosa para mim; passei anos me debatendo sobre se eu deveria ou não adotar uma criança. Até que eu percebi que

minha energia, meu desejo de cuidar pediam mais do que isso. E resolvi montar uma creche. Conversando com meu pai, ele me recomendou conhecer o Educandário da Madrinha, para menores carentes e abandonados, localizado em Parelheiros, na periferia de São Paulo. Fui e percebi que era aquilo que eu procurava. Hoje sou diretora do Educandário. Eu o assumi numa época em que ele estava muito deficitário: éramos eu, a madrinha e um amigo meu para cuidar de tudo. Não pude fazer tanto quanto gostaria, mas cumpri algumas metas básicas, assegurando a alimentação, o vestuário e as necessidades fundamentais das crianças. Foi lá também que aprendi a perceber que aquilo para mim não era uma coisa assistencial, uma purgação de pecados ou a compra de uma entrada para o céu. Eu estava recebendo tanto quanto estava dando. É difícil falar disso sem parecer piegas, mas o que move é o amor, o coração. Não acho que a criança carente seja uma coitadinha. Ela é uma criança como qualquer outra e, por isso mesmo, precisa de amor — como qualquer outra. Num raciocínio bem cru, se eles não puderam ter pais e eu não pude ter filhos, por que a gente não se junta?

Com tudo o que eu aprendi no Educandário, estou começando a pensar numa fundação de amparo ao menor. Acho que tudo é uma questão de iniciativa. Há muitas pessoas prontas para embarcar num projeto desses. Só falta dar o primeiro empurrão. Es-

sa é a melhor contribuição que eu posso dar tanto para a sociedade quanto para o planeta.

Não sigo nenhuma religião, não rezo, nunca tive experiências místicas. Mas acredito firmemente que Deus está dentro de mim. Não preciso ter provas: tenho fé. A fé de que isso é verdade vem da própria percepção da minha mudança de vida. Não deixei de ter problemas, mas tornou-se muito mais fácil, muito mais leve superá-los. Hoje em dia eu me considero uma pessoa realmente feliz."

EVARISTO EDUARDO DE MIRANDA, 40 ANOS, ECÓLOGO.

Fui encaminhado para a espiritualidade pela mão do meu avô. Ele era um português, devoto de São Francisco de Assis, dotado de uma fé profundamente ibérica, uma fé marcada pelo misticismo e pela experiência pessoal. Com ele eu ia à igreja — e adorava aquele espaço imenso, cheio de símbolos, que contrastava tanto com a simplicidade da minha casa. De todas as noções religiosas que eu assimilei nessa época, a que mais profundamente me marcou foi a da *graça*. Hoje, aos 40 anos, descobri que a *graça* é exatamente aquilo que eu pensava aos 7: uma relação de amor de Deus com suas criaturas. Buscamos Deus; mas Ele também nos busca. Experimentei esse dom muitas vezes na vida, quando me vi ganhando algo que não julgava merecer, que nem sequer havia pedido. Então, eu pensava: puxa, Ele olhou para mim.

Quando cheguei à adolescência, porém, essa visão religiosa entrou em conflito com a consciência dos problemas sociais. A partir de 1968, no movimento secundarista, a prática política me colocou em contato com os marxistas, que não seguiam um caminho espiritual. Eu queria manter minha individualidade, mas não podia dar as costas às questões sociais. O que me tirou

do impasse foi o contato com a Ação Católica. Por meio dela, percebi a possibilidade de uma nova teologia, de uma *praxis* política movida pela fé. Passei então a fazer toda uma outra leitura dos textos bíblicos, inspirada pela visão de um Jesus libertador. Foi um encontro feliz, porque eu poderia tanto ter recusado a ação política, me recolhendo a uma fé

ele é bispo em Vitória da Conquista, Bahia: dom Celso Pinto da Silva. Continuamos muito amigos. Eu o via — e ainda o vejo — como um irmão espiritual.

Em 1972, o recrudescimento da repressão política fez com que eu deixasse o Brasil. Não sei como exilado, mas era muito arriscado permanecer aqui. Além do mais, eu tinha esgotado um ciclo: havia

então um período de grande solidão. Quem me ajudou foi uma comunidade católica da *Croix du Meunier* (Cruz do Moleiro). Eram três mulheres e um homem, todos solteiros, que moravam juntos há mais de 50 anos. Tinham uma profunda vida interior, voltada para o silêncio, a meditação, a leitura dos grandes místicos. Ao mesmo tempo, atuavam não política-

mente na área social. Eles davam aulas particulares e comecei a frequentar sua casa para estudar Física.

O homem da comunidade, Jean Chavanerín, era um padre franciscano que havia sido dispensado de suas obrigações. Tinha, na época mais de 80 anos e se correspondia com pessoas como o filósofo Roger Garaudy e outros importantes pensadores.

Nele, encontrei pela primeira vez um verdadeiro mestre espiritual. Tínhamos longas conversas, até o sol se pôr, falando dos grandes temas espirituais. Ele me colocou em contato com os místicos eslavos, os místicos do coração, e me introduziu na leitura de autores como Miguel de Unamuno, Thomas Morus, Erasmo de Roterdã. Sob sua influência, revisei muitos erros de minha fase política. Porém as coisas mais importantes que aprendi não foram através de conversas, mas do silêncio. Ele morreu lúcido, aos 94 anos. Deixou textos de profunda espiritualidade.

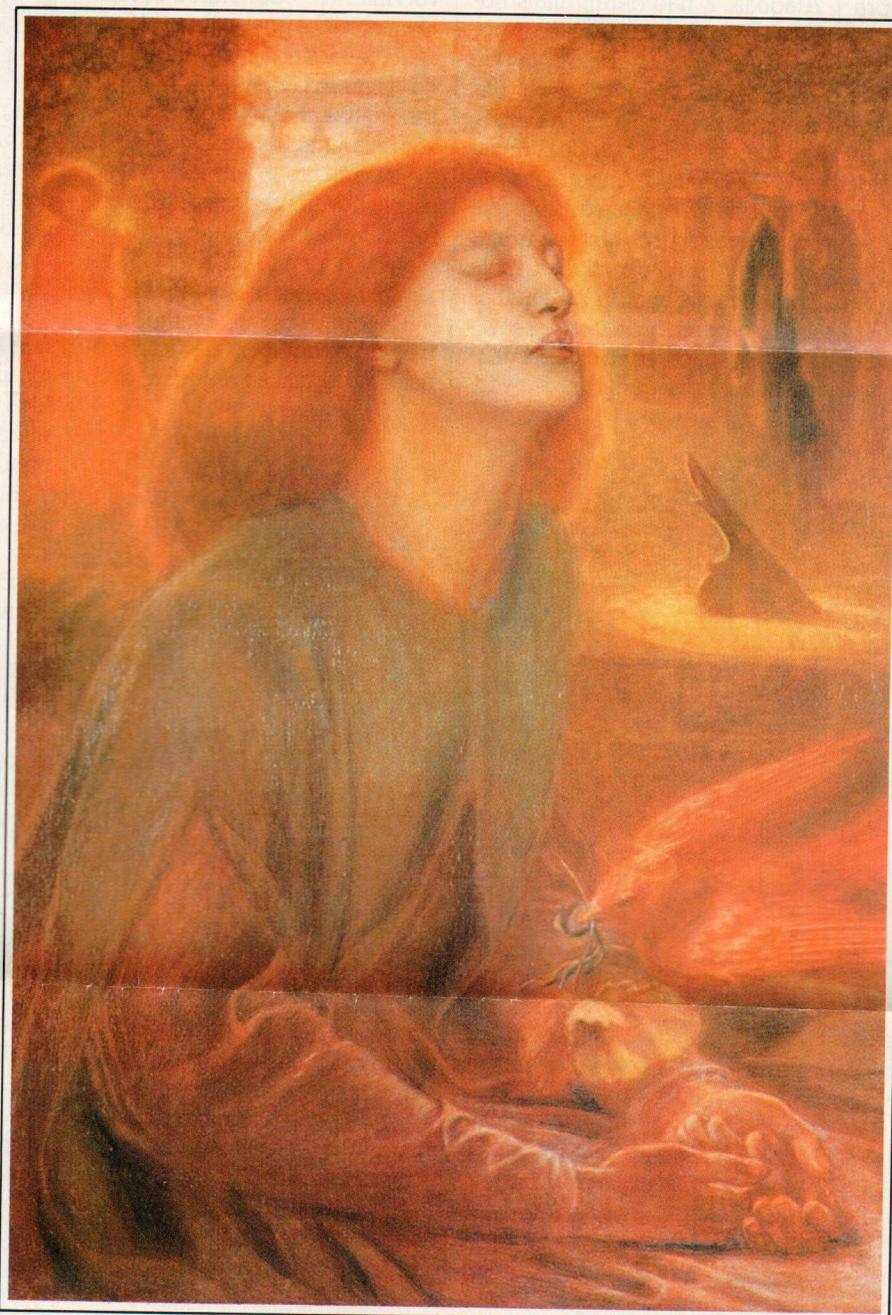
Fiz meu doutoramento na África. Trabalhei no Níger, no sul do deserto do Saara, durante quatro anos, realizando uma pesquisa de campo sobre a relação entre os desequilíbrios ecológicos e agrícolas. Vivi junto aos tuaregues e tive a oportunidade de um contato muito estreito com a cultura islâmica. Foi uma descoberta impressionante. Para mim, essa estadia na África foi uma escola de tolerância que me limpou dos preconceitos da adolescência.

No Níger, conheci um velho lí-

alienada, quanto ter-me encaminhado para o ateísmo, como ocorreu com muitos amigos meus.

Militei na Ação Católica de 1968 a 1972. Nessa época, morei na periferia do Rio junto com um padre cerca de dez anos mais velho. Foi alguém que teve uma profunda influência tanto em meu desenvolvimento espiritual como em minha prática política. Hoje

terminado a escola secundária e passei quase uns dois anos só na militância política. Precisava dar um novo rumo à minha vida. Fui então para a França, estudar Agronomia em Lyon. Embora seja a segunda cidade da França, é um lugar fora de circuito. Não existia lá uma comunidade de brasileiros como em Paris. Na primeira fase de minha estadia, vivi



der tuaregue de mais de 70 anos — Tambari Agali. Ele era o chefe político e espiritual de uma grande comunidade. Na primeira vez que estivemos juntos, ele me disse, para meu espanto, que conhecia muito bem minha avó. Na hora não entendi nada. Depois percebi que ele era um visionário e tinha uma outra consciência do tempo. Embora o passado e o futuro possam ser referências pra nós, nossa percepção se limita ao presente imediato. Ele, ao contrário, parecia perceber até duas gerações atrás e duas gerações à frente. Ficamos amigos e passei a freqüentá-lo. Nossos diálogos eram todos numa linguagem metafórica e pareciam completamente surrealistas. Com ele vivi uma experiência inesquecível. Foi no final do Ramadã. Nos últimos dias desse mês de abstinência, as pessoas começam a esperar ansiosas a chegada da Lua crescente. Mesmo que o prazo regulamentar tenha sido cumprido, o jejum não é quebrado enquanto a Lua não reaparecer no céu. Após a última oração do dia, os fiéis sentam então na areia do deserto e ficam contemplando o horizonte à espera da Lua. Eu acompanhei o velho tuaregue nessa espera durante cinco dias. Ficávamos sentados juntos por mais de duas horas, em completo silêncio. Quando a Lua finalmente apareceu, ela era um finíssimo arco luminoso no fantástico céu do deserto. É difícil descrever isso com palavras, mas foi uma das mais fortes experiências de minha vida.

Quando voltei ao Brasil, fui trabalhar em Petrolina, alto sertão de Pernambuco, como funcionário da Embrapa — Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Percorri todo o sertão nordestino montando programas de pesquisa e ajuda técnica. Tinha um contato muito estreito com os pequenos agricultores — pessoas que viviam numa pobreza extrema. Trabalhei que nem um burro de carga: de dia, de noite, sábado, domingo, feriado. Me isolei muito, me distanciei da espiritualidade e, no final, percebi que todo aquele esforço havia sido praticamente em vão, que meu trabalho estava sendo manipulado. A estadia nesse outro 'deserto' que foi o Nordeste

se encerrou com um acontecimento brutal. Havia duas estagiárias paulistas, duas biólogas, Jussara e Silvânia, que colaboravam conosco há mais de um ano. Eram excelentes pessoas e de família muito humilde. Depois de um tempo no sertão, elas quiseram aproveitar os últimos dias de sua estadia, conhecendo a estação ecológica de Pontal do Peba, em Alagoas. E não deram mais notícia. Ficamos preocupados e comecei a procurá-las. Depois de três meses de intensa busca, onde coloquei toda a minha energia, descobrimos que elas tinham sido assassinadas a pauladas pelo guarda da estação ecológica e enterradas numa duna de areia. O fato foi muito noticiado pela imprensa na época. As famílias delas não tinham o menor recurso econômico e eu acabei tendo que cuidar de tudo: do reco-

cientemente as adversidades.

Foi minha despedida do Nordeste. Voltei para São Paulo e acho que passei a encarar o trabalho profissional com um pouco mais de lucidez. Continuei na Embrapa, passei a dar aulas no Departamento de Ecologia da USP e desenvolvi pesquisas na Amazônia sobre a relação entre preservação ambiental e desenvolvimento econômico-social. Com uns 30 e poucos anos, já estava me sentindo meio acomodado, quando encontrei minha mulher, Liana. Foi uma grande paixão: ela já tinha um filho de outro casamento e, em três meses, estava novamente grávida de gêmeas. Minha vida mudou radicalmente. A família, os filhos me fizeram repensar a espiritualidade.

Depois de refletir muito sobre o assunto, optei em dar às meninas uma formação religiosa, den-

“Segui o velho tuaregue no ritual da espera da Lua. Quando ela surgiu, era um arco finíssimo e luminoso no céu do deserto. Como descrever o que eu senti? O mistério não se comunica com palavras.”

nhecimento dos corpos, do traslado para São Paulo. Tive que enfrentar a total e absoluta má vontade das autoridades alagoanas. Os restos mortais ficaram guardados em sacos de cimento porque no necrotério de Macaíó não havia sequer uma geladeira funcionando.

Foi uma daquelas experiências muito duras a que nos são dadas participar e que, se não estamos ligados a alguma coisa maior, exercem sobre nós um efeito devastador. O acontecimento comoveu muito a comunidade científica de São Paulo. Tudo isso me fez repensar muito a minha trajetória: fiz coisas que nem poderia imaginar e cheguei à conclusão que Deus nos dá o fardo que somos capazes de carregar. Temos recursos espirituais que só se revelam quando aceitamos cons-

tro da minha tradição católica. Com elas, descobri novos significados para as histórias bíblicas. Elas gostam muito do lado transgressivo do menino Jesus. Isso me levou a reconsiderar o papel de pai: fui compreendendo que a coisa mais difícil não é estar presente o tempo todo, mas saber se retirar nos momentos necessários. Aprendi muito isso com a figura de São José. Ele foi um pai extremamente zeloso, extremamente diligente, mas, diante da opção do filho, soube se calar, soube recuar. Deus só se comunicava com ele em sonhos. Então, esse homem que lembrava de seus sonhos, que agia fielmente a eles, era realmente muito centrado. Numa cultura fortemente patriarcal, e que o pai tinha até o poder de morte sobre os filhos, ele nos dá uma lição extraordinária de re-

núncia. Ao ler para minhas filhas a história de São José, percebi a grandeza de abrir espaço para os filhos. Ele é hoje a figura que me inspira. Passei um ano refletindo sobre ele e escrevi um texto a respeito. Eu vinha num caminho de espiritualidade muito adulta: os filhos me trouxeram essa riqueza de renovação.

Graças a eles, também passei a freqüentar mais a igreja. Assisto à missa todos os domingos na igreja das carmelitas reclusas, em Campinas. Passo quase a semana inteira atendendo a demandas externas; a hora da missa é um tempo que dou para mim mesmo, faço porque quero, ninguém me obriga. Na igreja das carmelitas, tive, durante esta última Páscoa, uma experiência radical. A preparação da Páscoa, a Quaresma, tem toda uma métrica em cima do número 40. Eu ia fazer 40 anos e aquilo para mim se revestiu de um significado especial. É um longo período de abstinência, de renúncia. Depois vem a celebração da Páscoa, propriamente dita, que dura cinco dias. É um complexo ritual de morte e renascimento. E acho que, de fato, ali eu morri para uma porção de coisas. E renasci. Novamente é difícil comunicar a experiência em palavras. Mas a presença de Deus inundou meu coração. Experimentei uma elevação espiritual tão grande que até perdi a consciência de onde estava. De lá para cá, a presença de Deus tem sido uma constante: basta que eu me volte para Ele, através da oração, da meditação, do silêncio. Meu aniversário foi um dos mais felizes da minha vida. Percebi, atrás de mim, o significado de toda uma trajetória cumprida. E, à minha frente, o chamado para uma nova e muito mais profunda aventura espiritual. Hoje eu me sinto uma pessoa extremamente mística. E o Mistério é algo que não dá para comunicar.”

**SÔNIA PALHARES, 44 ANOS,
MADRINHA DO SANTO DAIME DA
COMUNIDADE CÉU DA MONTANHA,
EM VISCONDE DE MAUÁ.**

Eu não conheci Deus dentro de casa. Meu pai nunca acreditou na existência Dele e minha mãe ora crê, ora não. Isso me levou a um tipo de vida mais material e sensorial do que es-